

Voltar

MACHADOLATRIA

O que me agradava em Machado de Assis, naqueles anos de juventude sem Deus, era o seu pessimismo. Gostava de lê-lo nas edições da velha editora Jackson — W. M. Jackson INC., para ser mais exato — que não eram lá muito confiáveis. Com que prazer, no entanto, eu lia aquelas páginas com poucas linhas, letras grandes, quase apalpando as palavras, numa espécie de braile mental!

Não é muito estranho que alguém, com a vida toda pela frente, já comece a se interessar pelos aspectos insolúveis da condição humana? É inevitável: todo jovem sem Deus termina pessimista. O derrotismo machadiano era, no entanto, bem contrabalançado pelo humor — e era aí que morava o perigo. O escritor sabia, como ninguém, temperar o pessimismo mais ácido com o humor mais inteligente, o que tornavam agradáveis as páginas mais carregadas de problemas da vida e de contradições do mundo. Machado fisingava o leitor pela fina sacada humorística e depois o arrastava às zonas mais sombrias da aventura humana.

Mas não era só isto. O seu estilo literário também era fonte de permanente prazer: uma simplicidade elegante, sem nenhum tom enfático ou solene, de uma sobriedade sem indigência, uma elegância sem rendas e floreios. Cauteloso no uso dos adjetivos, ele sabia conter as correntes da emoção e zombar do romantismo de sua juventude.

O encanto de Machado não parava aí. Além do humor e do estilo agradável, conhecia bem o ser humano. Conseguiu criar algumas dezenas de narrativas muito

convincentes, cheias de finura nas observações, com perfeita condução da história e da trama, preciso recorte psicológico dos personagens, sempre flagrados na sua contradição mais íntima de comportamento. Era um grande conhecedor das almas, além do insuperável mestre da língua.

O estilo machadiano, com a concisão e a busca da clareza, também parecia um bom antídoto contra o barroquismo nato do homem brasileiro, sua confusão congênita, sua eterna inclinação do ser brasileiro para o carnaval e a desordem. A prática da elipse, muito comum em suas páginas, era uma forma de conter a nossa natureza exagerada e hiperbólica. Enfim, a necessidade de uma barragem segura contra as correntes incontrolláveis do coração nativo encontrava, no escritor carioca, uma resposta segura.

Como escapar de seu fascínio? Era impossível. O problema é que, sob o veículo fascinante da prosa machadiana, vinha oculto um produto altamente subversivo, uma concepção da vida que não era só pessimista, mas sobretudo dissolvente. Gotículas de niilismo pingavam quase imperceptivelmente daquelas páginas discretamente elegantes, e vinham depositar-se no mais fundo do coração do jovem leitor.

Só muito recentemente descobri que a Gnose — doutrina segundo a qual o nosso mundo era criação de um “deus” menor, malvado ou impotente — era uma das fontes mais remotas do famoso pessimismo machadiano. Para Machado de Assis, um mundo tão imperfeito só podia ter sido fabricado por um demiurgo malévol, um falso deus, que o contaminou com todas as impurezas imagináveis, deixando o homem aberto ao pecado e quase sempre fechado à virtude — ou, no máximo, concedendo a

esta o papel de contrapeso a um equilíbrio que pressupõe tanto o bem como o mal, e isto enquanto durar o destino do homem sobre a terra.

Da Gnose ao agnosticismo era só um pulo. Há pelo menos dois tipos de agnósticos, de homens que, sem negar Deus peremptoriamente, Dele se distanciam: o primeiro vive em estado de intensa expectativa e permanente campo de batalha entre a crença e a descrença, como Unamuno; o segundo é o que se acomodou em seu plácido ceticismo, como o nosso Machado de Assis. Seu conto “A igreja do diabo” era uma divertida lição de relativismo moral: governados pelo vício radical, logo iríamos sentir saudades da virtude; e vice-versa... Nada havia de definitivo no mundo criado pelo falso deus.

Não há nenhum indício de transcendência em suas obras, que pudesse compensar a nossa condição finita. A miséria humana, para Machado, não era um estado provisório, provocado pelo pecado original, que se consumaria no inferno ou se redimiria no Céu. A famosa frase final das *Memórias póstumas de Brás Cubas* — “Não tive filhos, não transmitia a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” — costuma ser mencionada como grande síntese do pensamento machadiano.

Talvez seja o melhor resumo de sua visão das coisas. O curioso é que não passa de uma frase meramente declaratória, expressando a situação de um personagem ficcional que não tinha sido feliz com as mulheres. Não contém um programa de ação, coisa que não combinaria muito com Machado; o modo imperativo não era o forte desse grande cético relativista. Mesmo quando queria influenciar, e não há escritor que não o queira, fazia-o sutilmente, com mãos de veludo, como quem não o queria. Invertendo o conselho evangélico, o Bruxo do Cosme

Velho (como o chamou o poeta Drummond) preferiria dizer: “Que o meu sim seja não, que o meu não seja sim”. Era o mestre das evasivas, e nisso é que residia, para os machadóltras, a sua misteriosa força expressiva. É por isso, também, que hoje o idolatram os dialéticos pós-hegelianos.

Eu, porém, em vez de ler a famosa frase no modo indicativo, sempre a considerei como uma ordem: “Não tenha filhos, José, não transmita a nenhuma criatura o legado da tua miséria.” Marcou-me tão profundamente, que, quando me casei, não me orientava pela ordem bíblica do “crescei e multiplicai-vos, mas pela frase final das *Memórias póstumas de Brás Cubas* transformada em diretriz de vida. Machado era, de certa forma, um precursor da atual mentalidade de controle demográfico; na prática, porém, graças a Deus, fui mais discípulo do Gênesis que de Brás Cubas.